

# Pangloss à moda da casa

Economia  
Brasil

25 JUN 1996

Moacir Werneck de Castro

JORNAL DA TARDE

Devo à política econômica do governo, ainda que por via indireta, uma grande fruição: a releitura do *Candide*, de Voltaire. Meus agradecimentos à deputada Maria da Conceição Tavares, que evocou numa comissão da Câmara, diante do ministro da Fazenda, Pedro Malan, a extraordinária figura do doutor Pangloss.

Para a indômita Conceição, são panglossianos os seus ex-alunos e atuais membros da equipe econômica do governo (a quem trata familiarmente de "os meus meninos") e o próprio Fernando Henrique Cardoso. Alguém me pediu para explicar em linguagem acessível o sentido dessa qualificação. É o que tentarei resumidamente.

No tal personagem, um filósofo alemão, símbolo universal do otimismo absoluto, Voltaire satirizou a crença piedosa de que tudo vai sempre da melhor maneira no melhor dos mundos. A caricatura se inspirou em Leibniz, grande filósofo, matemático, jurista, historiador e conselheiro político, cuja teoria da "razão suficiente" é fustigada por Voltaire sem dó nem piedade.

O doutor Pangloss pregava que nada no mundo existe sem uma razão de ser: tudo foi criado com uma finalidade, necessariamente a melhor, pois tal é o desígnio de Deus. O nariz foi feito para carregar óculos, e por isso os óculos existem; os pés foram feitos para serem calçados, daí os sapatos; as

pedras foram feitas para serem talhadas e formar castelo para os barões. Assim, tudo não é simplesmente bom, é o melhor possível.

Depois de incríveis aventuras pelo mundo, em Lisboa e Buenos Aires, no Paraguai dos jesuítas, no Eldorado peruano e na Guiana, o herói *Candide*, personagem e testemunha de toda sorte de barbaridades e loucuras, permaneceu fiel ao ensinamento do seu preceptor Pangloss, que lhe provou a lógica desses acontecimentos aparentemente absurdos.

Brasília é parte de um Eldorado mítico que *Candide* não chegou a visitar todo. O otimismo panglos-

tura, moradia e tudo o mais? Déficit público de mais de US\$ 40 bilhões em 95? Salário mínimo reajustado abaixo do custo de vida? Privatizações na marra, alienando patrimônio nacional pelo preço mínimo e com moeda podre? Promessas eleitorais esquecidas? Políticas sociais abandonadas? Reforma agrária em ritmo de tartaruga, com massacres impunes e pau no MST? Nonadas. Tudo intrigas de uma oposição que não apresenta alternativas. Pura obsessão de fracassomaníacos, ou *disaster mongers*, como se diz nos corredores do FMI e do Banco Mundial, onde nosso governo continua gozan-

macacos brasileiros com a mesma finalidade.

É o Brasil, entre patético e gaio. *De te fabula narratur.*

**Renato Archer** — Uma palavra de saudade e afeto para o amigo, que perdemos. Renato foi um lutador incansável de causas patrióticas, o herdeiro político de Ulysses Guimarães e Severo Gomes, que dele receberam o último abraço antes da partida. Entre suas virtudes cidadãs, era excepcional a dedicação com que se entregava a cada missão, como a defesa de uma política nuclear para o Brasil, a atitude democrática que lhe valeu a cassação do mandato de deputado federal e a prisão sob o AI-5, e o trabalho à frente do Ministério da Ciência e Tecnologia. A última dessas missões foi a diretoria executiva da empresa destinada a fazer do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos de 2004. Mas aí, na véspera de sua morte, ele foi alvo de uma insólita, gratuita e traçoira manobra de bastidores, que o afastou do cargo de chefia para colocá-lo, com seu colaborador Raphael de Almeida Magalhães (que logo se demitiu), no regaço de um platônico Conselho Administrativo. No dia seguinte os patronos do golpe estavam no enterro, chorando lágrimas de crocodilo.

## O OTIMISMO PANGLOSSIANO MARCA O GOVERNO, E OS DOUTOS NARIZES DE SEUS MEMBROS CARREGAM PODEROSOS ÓCULOS DE LENTES COR-DE-ROSA

siano marca o governo FHC. Os doutos narizes dos seus membros carregam poderosos óculos de lentes cor-de-rosa. Tudo vai da melhor maneira possível no País, e se alguma crítica aparece, é considerada fruto da cegueira de quem não quer enxergar...

Juros escorchantes? Uma contingência que confirma a necessidade. Câmbio irreal, implicando um possível efeito tequila? Coisa de especuladores mal-intencionados. Bilhões fáceis para banqueiros quebrados, enquanto faltam verbas para saúde, educação, cul-

do do melhor conceito apesar do mau agouro do vidente Rudiger Dornbusch.

O melhor toque voltairiano nesse debate veio de uma tirada do deputado José Tomás Nonô, que pediu ao ministro da Fazenda subsídios para a nossa produção de coco, porque, alegava, a Índia está usando macacos amestrados como trabalhadores nos seus coqueirais. O espirituoso Delfim Netto, ex-panglossiano dos tempos do "milagre", não perdeu a piada: propôs imediatamente um subsídio para treinamento de

Moacir Werneck  
de Castro é jornalista  
e escritor